

Tensões religiosas e reconfigurações do islã entre migrantes ganeses no sul do Brasil

Michelle Maria Stakonski Cechinel¹

Gláucia de Oliveira Assis²

Resumo: O presente artigo investiga as tensões e reconfigurações religiosas entre migrantes ganeses muçulmanos que se deslocaram para a cidade de Criciúma nas últimas duas décadas. O problema central da pesquisa reside na forma como esses migrantes, majoritariamente oriundos de *zongos* – territórios urbanos islâmicos em Gana –, reconstróem identidades religiosas e comunitárias no contexto migratório. O objetivo é compreender como as dinâmicas de pertencimento e as disputas entre diferentes confrarias islâmicas, especialmente entre os *Ahl al Sunnah* e os *Tijaniyyah*, são ressignificadas na diáspora. A metodologia da pesquisa baseia-se na análise de fontes orais, coletadas entre 2014 e 2018 com cinco migrantes zongorianos em Criciúma. Os resultados, aqui apresentados, indicam que os ganeses inicialmente buscaram inserção na Mesquita Palestina, mas divergências religiosas e simbólicas levaram à criação de um novo espaço de culto, reproduzindo em deslocamento tensões pré-existentes em Gana. Conclui-se que a migração não apenas desloca indivíduos, mas também reconstrói territórios religiosos e redes comunitárias, demonstrando que a religiosidade, longe de ser estática, é continuamente negociada em trânsito.

Palavras-chave: Migrações contemporâneas; Zongos; Islamismo; Criciúma; Gana.

¹ Doutora em História (PPGH-UDESC). Professora colaboradora no departamento de História da UDESC. Realiza pesquisa pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH-UFSC), com fomento da FAPESC. Coordena o GT de História da África – ANPUH/SC. Pesquisadora do Observatório das Migrações de Santa Catarina (OBMIGRA-SC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3171014005074964> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5574-6633> E-mail: miimss@gmail.com.

² Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). Professora Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socio-Ambiental (PPGPLAN-UDESC) e do Mestrado em Gestão Integrada do Território – UNIVALE. Coordena o Observatório das Migrações de Santa Catarina (OBMIGRA-SC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4753020984250324>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0307-6313>. Email: galssis@gmail.com

Religious tensions and the reconfiguration of islam among ghanaian migrants in southern Brazil

Abstract: The present article investigates the tensions and religious reconfigurations among Ghanaian Muslim migrants who have relocated to the city of Criciúma over the past two decades. The central research problem concerns how these migrants, primarily from *zongos*—Islamic urban territories in Ghana—reconstruct their religious and community identities within the migratory context. The objective is to understand how dynamics of belonging and disputes between different Islamic brotherhoods, particularly between Ahl al Sunnah and Tijaniyyah, are reinterpreted in the diaspora. The research methodology is based on the analysis of oral sources collected between 2014 and 2018 from five *zongorian* migrants in Criciúma. The findings indicate that Ghanaian migrants initially sought integration into the Palestinian Mosque; however, religious and symbolic divergences led to the establishment of a new place of worship, reproducing, in displacement, pre-existing tensions from Ghana. The study concludes that migration not only relocates individuals but also reconstructs religious territories and community networks, demonstrating that religiosity, far from being static, is continuously negotiated in transit.

Keywords:. Contemporary Migrations; Zongos; Islam; Criciúma; Ghana.

Introdução

A migração ganesa para o sul do Brasil emergiu como um fenômeno recente, intensificado a partir de 2014, e tem sido objeto de crescente interesse acadêmico^I. O recrudescimento deste fluxo migratório está diretamente ligado à Copa do Mundo FIFA de 2014, evento que possibilitou a vinda de centenas de ganeses ao Brasil, ao facilitar a concessão de vistos de turismo para a participação dos jogos que foram sediados no país. Como estratégia de permanência, parte significativa destes ganeses que adentraram as fronteiras nacionais com visto de turismo solicitaram, após o fim dos eventos esportivos, Refúgio no Brasil^{II}.

Criciúma, cidade localizada no sul de Santa Catarina, tornou-se um importante destino desse grupo. Diferentemente de outras migrações que marcaram a região^{III}, os migrantes africanos de nacionalidade ganesa que se estabeleceram na cidade são, em sua maioria, oriundos de *zongos*, bairros segregados de grandes centros urbanos de Gana, historicamente ocupados por muçulmanos e organizados em torno de redes comerciais e religiosas. Os *zongos* constituem territórios urbanos caracterizados por sua identidade transnacional e multiétnica, nos quais a religião islâmica e o comércio desempenham papéis centrais de organização social^{IV}. Historicamente, esses bairros surgiram como espaços de acolhimento para migrantes em Gana, sendo habitados principalmente por falantes da língua hauçá e pertencentes a confrarias islâmicas, como a *Tijaniyyah* e os *Ahl al Sunnah*.

Em Criciúma, a chegada dos migrantes zongorianos gerou novas dinâmicas de inserção e pertencimento, especialmente porque a cidade possuía, até então, uma única mesquita, a Mesquita Palestina, tradicionalmente vinculada à comunidade árabe-muçulmana local^V. A presença desse grupo na cidade resultou na formação de novos espaços de sociabilidade e em disputas internas

entre diferentes correntes do Islã, bem como em desafios na relação com a comunidade islâmica árabe local.

Neste sentido, o presente artigo buscará analisar as reconfigurações religiosas dos zongorianos em Criciúma, evidenciando como as disputas internas e os desafios da migração impactaram a vivência do Islã no novo contexto. A partir das narrativas coletadas de entrevistas orais realizadas com cinco migrantes ganeses zongorianos – Kofi, Haruna, Guedado, Abo e Okonfo^{VI} – observa-se que a religião continua a ser um eixo estruturante da identidade coletiva, ao mesmo tempo em que se adapta às condições locais. Os depoimentos orais, aqui analisados, revelam a complexidade das negociações identitárias e das tensões comunitárias que emergiram no processo de deslocamento. Ao privilegiar essa abordagem, a pesquisa não apenas documenta as trajetórias individuais dos migrantes, mas também contribui para a compreensão mais ampla das transformações religiosas e sociais envolvidas nos deslocamentos contemporâneos.

O tempo religioso na Diáspora: relatos de experiência de migrantes ganeses em Criciúma

Nos zongos, o nosso tempo é o islamismo.
Guedado

Uma das coisas que Guedado mais sente falta, quanto ao seu antigo cotidiano no *zongo* de Abekan-Lapaz, é de sair de casa sem relógio e sem preocupações com o tempo. O *zongo* de Abekan-Lapaz, assim como todos os outros assentamentos do tipo, possui, como uma das suas principais características, a presença de diversas mesquitas. Cinco vezes ao dia, o *almoadêm* encarregado pelo chamamento para a oração obrigatória sobe no alto das *amádenas* da estrutura de sua mesquita e faz ecoar o *adã*, uma melodia que

inclui a frase *Allah hu Akbar* (Alá é grande) e a profissão de fé islâmica. Em mesquitas menores, quando não há responsáveis pelo *adã*, o serviço é realizado por meio de uma gravação que é transmitida por alto-falantes no alto dos minaretes, da torre ou do teto do templo religioso. O rigor das cinco orações diárias marcava o cotidiano de Guedado e seus conterrâneos zongorianos, não apenas como um ritual de fé, mas como uma referência inexorável de tempo: a vivência de um regime de temporalidade fortemente definido pelo tempo religioso^{VII}.

Assim como Guedado, seus conterrâneos Abo, Okonfo, Haruna e Kofi vivenciaram a experiência de migrar, em 2014, de diferentes *zongos* das cidades de Acra e Kumasi, ambas com quase dois milhões de habitantes, para uma cidade brasileira com cerca de duzentos mil habitantes e localizada no sul do território catarinense, Criciúma. A experiência narrada por Guedado é, de alguma forma, comum a todos eles. Em seu país e local de origem, a preocupação de perder “o tempo das obrigações” era inexistente. Nas palavras de Guedado:

A oração é a mesma em qualquer lugar que você vá no mundo, mas, em Gana, antes de orar se chega a hora tem alguém que vai na mesquita, não é tipo cantar, é tipo um jeito de chamar as pessoas, ele vai com o microfone, pra chamar as pessoas. Então, a gente escuta isso, a gente já sabe, tá na hora de rezar. Mas aqui não pode, porque aqui você não pode fazer nenhum barulho, entendeu? Porque as pessoas tão... Porque em Gana, as três horas da manhã tem alguém ali na mesquita chamando, sabe? E os cristãos de lá estão acostumados com isso. Então, aqui você não pode ir lá na mesquita as três horas da manhã e ir chamando com o microfone incomodando. O vizinho vai chamar a polícia, entendeu? Você não pode incomodar, sabe? Para mim, eu tenho saudade disso, sabe? Então, pra chamar a gente pra ir na Mesquita você tem que olhar, tipo, hoje a gente vai rezar as oito horas da noite, hoje a gente vai rezar nove horas, então nove horas tem que estar lá. Mas, em Gana é assim, em Gana você não precisa usar relógio, você tá andando pra lá e pra

cá você vai escutar, “– Ah, estão me chamando pra rezar”, sabe? Nos zongos o nosso tempo é o islamismo. Não precisa de relógio^{VIII}

Kofi, também muçulmano, sente saudades de poder andar nas ruas do zongo de Nima com suas roupas de malam sem ser o centro das atenções. Ele era professor de árabe para crianças na mesquita que frequentava no zongo de Nima e sempre vestia sua túnica para dar aulas, ou para fazer a leitura do Alcorão. O migrante, que continua a seguir a tradição da sua indumentária religiosa em Criciúma, lembra que, no seu zongo, as pessoas não estranhavam suas roupas, mas, na cidade de acolhimento, ele por vezes recebe olhares e ouve comentários que o deixam desconfortável, especialmente em regiões como o centro da cidade. Em suas palavras:

O que incomoda aqui é as roupas que a gente veste. Eu sempre, sempre que eu vou pra mesquita tem que vestir aquela túnica comprida. Aqui tá tudo bem [no bairro], mas é desconfortável só se eu tô indo pra centro, porque tu sabe nossa roupa de muçulmano, né? Chama atenção. Sempre eu tenho que andar pra mesquita com aquela roupa, só se eu sai pra alguns lugares e tô chegando porque deu o horário da oração eu passar na mesquita com outra roupa. Se não é, se eu vou sair de casa tem que sair com roupa de mesquita. Roupa da mesquita. Esse é... pra ler o Corão eu já acostumei lá, eu tava acostumado lendo o Corão lá em Gana e aqui também mesmo coisa. De manhã tem que ler antes de eu sair em casa e cinco orações por dia. Mas em zongo é confortável, todo mundo tá acostumado não chama atenção com as roupas. Em zongo todo mundo usa, até quem é cristão usa a túnica, aquela comprida, sabe?^{IX}

A palavra “confortável” também aparece no testemunho de Guedado, quando este se refere ao fato de que ser muçulmano em seu país é diferente de professar e vivenciar a fé no Brasil: “Eu sou muçulmano, eu rezo. Em Gana, só porque é meu país, eu tô em um ambiente confortável que é meu, sabe? Tipo, eu tô no meu

lugar, eu tô no meu lar, eu consigo fazer tudo certinho, sabe?”^x. Parte deste “conforto” citado pelo entrevistado se deve ao fato de que os zongos são espaços onde a religião islâmica é majoritária e livremente seguida. O migrante continua seu relato:

Eu vou acordar quatro horas da manhã, eu vou na mesquita; uma hora da tarde, eu vou na mesquita; três horas da tarde, eu vou na mesquita; seis horas da tarde, eu vou na mesquita; sete horas da tarde, eu vou na mesquita, sabe? Por que é em Gana. Que é assim ó: as maiores dos zongos tem mesquita tipo... [pausa] Mesquita pra nós é tipo... tipo um barzinho, em toda esquina tem uma mesquita ali. Mas aqui a gente trabalha, longe. Então a gente não pode sair do teu serviço pra ir na mesquita, e a mesquita aqui tem pouco e é longe do teu serviço. Se teu serviço é lá em Içara e a mesquita é aqui em São Luiz não tem como você vim. E você também não pode sair do serviço, sabe?”^{xi}

O migrante Kofi afirma ter se assustado com o fato de que em Criciúma havia apenas uma mesquita. Ele já sabia que o Brasil não era um país de maioria muçulmana, porém, Gana, seu país natal, também não é. Kofi estava acostumado com sua realidade dentro do território dos zongos. Seu primo, Abo, que é um dos migrantes da Copa de 2014, também relata que não sabia da existência da mesquita na cidade antes de se deslocar de São Paulo para a região catarinense, como ele menciona: “No, no eu não sabia que aqui em Criciúma tem mesquita, eu não sabia. A hora que eu cheguei aqui aí meu amigo falar pra mim que tem mesquita ali, e eu achei bom”^{xii}. Ao contrário do primo, Kofi ficou decepcionado com a pouca quantidade de espaços religiosos para os muçulmanos na cidade. Conforme a conversa registrada a seguir:

Entrevistadora: Você sabia da existência da mesquita em Criciúma, antes de vir para cá?

Kofi: Não. Porque pensava que tinha um monte, um monte, porque lá em Gana, vamos supor, aqui é Pinheirinho, aqui

bairro universitário [comparando com o zongo] pode ser cinco ou seis mesquitas que tem, entendeu? Por que a maioria do povo são os muçulmanos, se tu passar aqui tem mesquita, aqui do lado tem mesquita. Eu pensava assim. Eu cheguei aqui e perguntei “-Ah, vamos rezar cadê a Mesquita?” e ele [Abo] falar “- Não, só tem Mesquita lá no São Luiz”, “- Quantas mesquitas que tem?” e ele falar “-Só uma Mesquita que tem em Criciúma”. Eu falar “- Ah, que isso?! Que lugar é esse?” É... porque lá nos zongos tem muito, né? Tem um monte! Eu cheguei aqui e vi, aqui tem pouquinho muçulmano, né? Até lá na mesquita, na sexta-feira é dia que a gente encontra muito, pessoas de fora tudo vem na mesquita. Porque sexta-feira é uma, é igual domingo pra cristão, né? Pra nós também, sexta-feira é dia que todo mundo vai lá na mesquita pra orar, entendeu? Mas se nós não tivermos lá difícil ter cinco ou quatro brasileiros que são muçulmanos lá na mesquita. Todo mundo são os africanos, se não é ganês, é Senegal, é Togo^{xiii}

Segundo Cardoso, a Mesquita Palestina, localizada no bairro São Luiz em Criciúma, foi a segunda mesquita construída no estado de Santa Catarina, tendo sido inaugurada em 22 de março de 2000. A historiadora menciona que a concepção deste local sagrado partiu da necessidade de um espaço de sociabilidade do grupo que se afirmava como “árabe” na cidade de Criciúma. A mesquita, portanto, passou a representar, a partir dos anos 2000, um território árabe-muçulmano na região^{xiv}. O número de fiéis do islã antes da vinda dos migrantes ganeses, senegaleses e togoleses, no entanto, não era muito grande.

Segundo menciona o Sheik Adil Ali Pechliye, em reportagem ao periódico online Engeplus^{xv}, os migrantes africanos correspondiam a quase 80% dos fiéis na Mesquita Palestina em 2014. Como ele narra à repórter Cíntia Amorym: “Antes, não se via essa quantidade de fileiras para fazer a reza. Eram no máximo duas. Agora, as fileiras não cabem mais aqui dentro, sendo que 80% dos fiéis são ganeses^{xvi}”. A reportagem afirmou que, naquele ano, cerca de 300 muçulmanos fizeram suas

celebrações religiosas do mês Ramadã na mesquita, um número muito superior aos 40 fieis registrados no ano anterior.

Sobre a presença zongoriana em um espaço que, na cidade de Criciúma, representava simbolicamente um território “árabe-muçulmano” até a chegada dos migrantes africanos, Haruna afirma que:

Nós somos muçulmanos, mas nós não somos árabes, né? Questão da religião é diferente da língua. Só que, religião islamismo vem da língua árabe. Como cristão vem da língua judeu, né? Só que cristão não pratica com judeu. Mas o islamismo tá praticando com a língua que vem do alcorão. Eu sei ler Alcorão... entende bem Alcorão, mas não fala a língua árabe. Mas o árabe do Alcorão é diferente do que o Síria, Iraque e Irã falam. Na verdade, quase não chegamos a conviver com muitos muçulmanos criciumenses. Quantas pessoas eram palestinos? O Sheik e aquele velho que vendia as malas no centro. Tem uns cinco, mais um brasileiro que se converteu. Às vezes só o Sheik que rezava na mesquita. E a gente em 2013, a gente morava no perto da mesquita. Então a gente ia na mesquita rezar com ele, né? E aí depois, em 2014. “- Ah, aqui tem mesquita? Ah, que legal!”, “Ah, aqui tem mesquita!”, ninguém, ninguém sabia que existia uma mesquita antes de migrar pra Criciúma. Então sempre que dizem “Ah, foi a mesquita que influenciou a vinda dos ganeses”, a gente diz “-Não, acho que não”. Mas, felizmente, a gente veio e tinha!^{XVII}

Segundo Abo, “Em pouco tempo só tinha ganês na mesquita. Parecia mesquita de zongo. Sempre só nós. E os senegaleses. Uns togoleses também”^{XVIII}. Kofi também comenta que sempre era chamado pelo Sheik para fazer alguma oração e para fazer a leitura do Alcorão, por ser *malam* e ter um bom conhecimento de árabe: “Ele sempre me chamava, porque não tem muitos brasileiros”^{XIX}. Aos poucos, no entanto, os migrantes ganeses passaram a alegar que começaram a fazer as cinco orações diárias em grupo, e passaram a frequentar a Mesquita Palestina apenas nas sextas-feiras, para a grande oração

semanal, que reúne em Criciúma muçulmanos de outras cidades e regiões que se deslocam para a mesquita mais próxima para fazer suas orações.

Como conta Guedado:

Só tinha mesquita em São Luiz (bairro). É longe para ir as cinco horas da manhã. A maioria mora em Pinheirinho e Universitário. É longe pra ir, e depois ir pro trabalho, e voltar pra outras orações. Como nós faz? As maiorias começam a trabalhar bem cedo e volta pra casa as cinco horas, mais ou menos. Entendeu? Cinco horas, a pessoa acaba acumulando e faz a oração da uma, das três em casa e das seis e sete que a gente fazia na mesquita, ali. Só que pra gente não fazer isso, porque é ruim ... Por que é assim, ó, a gente acredita que se você faz oração em grupo, é melhor do que se você faz sozinho, sabe? Então, é por isso que alugamos algum lugar ali, pra pelo menos se você faz da quatro horas [da madrugada], da uma hora da tarde, da três horas se você faz sozinho em casa, pelo menos das seis e das sete, se você tiver em casa, você vai lá na nossa mesquita dos ganeses. Mas não é obrigatório, não é obrigatório, se você puder, você vai lá fazer^{xx}.

Segundo o depoimento dos migrantes zongorianos, eles se reuniram e decidiram alugar uma sala no bairro Pinheirinho, para construir uma mesquita própria, que fosse mais próxima do lugar onde eles moram. Guedado justifica a construção da nova mesquita dos ganeses em decorrência da dificuldade de deslocamento para a realização de todas as orações obrigatórias diárias. Como o migrante reafirma:

A Mesquita Palestina fica bem longe da onde a gente mora, maioria dos muçulmanos mora no Pinheirinho, e nossa religião a gente tem essas cinco orações que a gente faz diariamente, então pra nós conseguir fazer junto tem que ter outra Mesquita, onde a gente mora, perto, se não quem tem carro, ou bicicleta, moto, pode até ir lá, mas é muito longe, por isso que a gente se organizou para abrir essa mesquita que fica mais perto de nós. Mas, na sexta, na sexta é um grande dia pra nós, a gente organiza pra ir pra Mesquita Palestina.

Essa oração especial a gente faz na Mesquita mais grande, mas, essa oração de diariamente a gente faz em Pinheirinho com os zongos^{XXI}.

Para Haruna, a construção de uma nova mesquita, mais próxima do bairro de concentração dos ganeses ou do “zongo brasileiro”, como Okonfo gosta de chamar, foi um movimento esperado e calculado pelos ganeses, desde o momento em que eles chegaram no Brasil. A casa azul da Beth – moradia alugada inicialmente pelos migrantes ganeses assim que os primeiros zongorianos chegaram na cidade em 2014 – foi um prenúncio da necessidade de um espaço próprio para os ganeses muçulmanos poderem se encontrar e expressar sua religião entre os seus. Como discorre Haruna: “A gente pensou em fazer essa Mesquita desde o início, faz tempo, só que pra alugar uma casa, uma sala maior, sai muito caro, então nós conseguimos lá naquele prédio e alugamos aquela sala no Pinheirinho^{XXII}.

Apesar de afirmar que, desde o início, a intenção era criar uma nova mesquita, orientada por um novo *malam*, Haruna afirma que uma das principais motivações para sua criação foi a distância entre o local onde os ganeses moram e o bairro São Luiz, que não permitia a reunião de todos os ganeses em congregação: “Olha, na verdade, a religião incentiva que tem que orar em grupo, em congregação. E a posição da Mesquita é tão longe da onde o povo se concentra, né? Então é difícil sair de madrugada, quatro horas^{XXIII}. Ainda segundo o entrevistado:

Então a gente pensou assim: tá, antigamente na mesquita quantas pessoas rezavam? Só o Sheik e outros, né? Mas na sexta-feira a gente vem em nosso número, para rezar a oração da sexta-feira. Então a gente vai continuar rezando na Mesquita Palestina às sextas, mas como a gente não quer perder essa oração em grupo, com o nosso grupo, temos que ter uma mesquita perto, onde tu pode fazer a tua ablução e caminhar cinco minutos e já tá na mesquita. Como era no

zongo. Por que, na verdade, o que a religião ensinou é a oração de cinco vezes por dia e a gente continua fazendo, mas... hoje como nos temos a nossa mesquita aqui no Pinheirinho, onde a maior concentração de ganeses está, eles frequentam a mesquita todos os dias, até na madrugada vai encontrar gente rezando em congregação. E quem não tem oportunidade de ir pra mesquita, reza em casa, mas tem que rezar cinco vezes em horários determinados. Mas agora estamos todos bem unidos^{xxiv}.

Segundo Haruna, quando conseguiram alugar uma sala no bairro Pinheirinho para construir a mesquita dos zongorianos, um grupo de ganeses foi escolhido para conversar com o Sheik da Mesquita Palestina, para explicar o esvaziamento das orações diárias e para informar que haveria mais uma mesquita na cidade de Criciúma. Haruna foi um dos escolhidos, como *chairman*, o líder da comunidade dos ganeses na cidade. O entrevistado narra que, inicialmente, houve uma tensão entre o “grupo da diretoria” e o *Sheik*, porque ele haveria justificado que a sala que os migrantes alugariam não poderia ser considerado uma mesquita. Haruna menciona que, apesar de ofendidos, eles decidiram “não passar o limite”, pois gostariam de continuar a fazer a grande oração das sextas-feiras com a comunidade maior dos muçulmanos da região na Mesquita Palestina. Haruna, também afirmou que conversou com o *Sheik* para explicar que ele continuaria a ser o líder dos muçulmanos em Criciúma e que assim como eles respeitariam a autoridade do *Sheik*, ele deveria respeitar a nova mesquita, e que, se quisesse, poderia rezar com eles. Nas palavras do migrante:

Entendeu? Foi o que levou a gente a alugar aquela sala para rezar...e a gente avisou ao Sheik que, sim, esse é o motivo, ele entendeu que sim, tá certo, porque não pode tá rezando individualmente, se tem oportunidade, se tiver oportunidade para rezar em grupo. Na verdade, a primeira vez ele ficou muito chateado, até disse que não podemos considerar lá como Mesquita, eu disse pra ele “- Não, não! Lá também é Mesquita!”. Ele ficou chateado. Só que a gente não vai passar

o limite, né? Para poder continuar rezar nas sextas naquela Mesquita, né? Eu disse que ele é Sheik, continua sendo Sheik, líder dos muçulmanos em Criciúma, ninguém vai tirar isso dele. Então, ele tem que respeitar também nossa mesquita, se ele quiser, vêm rezar com a gente na mesquita. E aí nós fizemos reunião com a diretoria da mesquita dos ganeses que eu agora faz parte, a gente explicou e eles entenderam e o Sheik entendeu^{xxv}.

Aparentemente, a Mesquita Palestina retornou a ser um território árabe-muçulmano (Cardoso, 2008) na cidade de Criciúma, e os zongorianos conquistaram o direito de realizar suas orações entre os seus.

Zongos cindidos: tensões e reconfigurações do Islã em Criciúma.

Em decorrência da criação da mesquita no bairro Pinheirinho, urgiu a necessidade da escolha um novo *malan*. Esta nova e importante tarefa religiosa coube ao migrante ganês Kofi. A transformação de Kofi no responsável pelo ensino do árabe e pela recitação do Corão na nova mesquita legou ao migrante um importante papel no seu grupo religioso. Como a nova mesquita não tem um *Sheik*, ele passou a ser a maior autoridade religiosa dos muçulmanos africanos. Além de responsável pela recitação do Alcorão, ele também passou a usar o espaço da nova mesquita para ensinar o árabe para os filhos dos ganeses, pois todas as orações no islamismo são feitas em língua árabe. Kofi também compartilha, um pouco, sobre sua visão de como deveria ser a educação de uma criança muçulmana no costume de fazer as cinco orações diárias. Segundo conta o migrante:

Kofi: Eu sou malan. Malam é professor, se alguém te chamou de malan é professor, é quem que ensina. É malan. Tu é malan mesmo, tu também! Por que tu ensina, tu é professora, né?

Entrevistadora: Né? Eu sou.

Kofi: Mas na nossa linguagem eles vão te chamar malanma, mas se fosse homem, malan.

Entrevistadora: E tu é malan? Você foi escolhido?

Kofi: Sim, eles disseram "Ah, Kofi é melhor no Corão, melhor no ler, se fosse ler. E ele tem noção, tem estudo", as coisas assim. Eu foi escolhido pelos outros.

Entrevistadora: Qual a diferença do malan pro Sheik?

Kofi: Sheik é quem é que estudou sobre religião. Tudo. Entendeu? Tu perguntou o que Deus falou ele já tem tudo na cabeça, ele te fala o que o profeta falou, ele já tem tudo na cabeça, ele fala pra ti. Ele estuda corão, ele estuda tudo. Por que Corão é muito difícil, não é igual a bíblia, porque, primeiro Corão não tá na nossa linguagem, ele tá na arábico, entendeu? Primeiro, como eu não posso orar, como a gente ora, né? Eu não posso ficar orando sem conseguir ler as palavras que tá no Corão. É obrigado ler árabe! Então, eu sou malam e tô ensinando as crianças como ler o Corão e como juntar as letras e como tudo, né? Eu tô ensinando eles tudo, por que é obrigado pra eles saberem. Por que na nossa religião, quando a criança tem sete anos tem que ficar em cima dele, mandando ele pra orar. É obrigado, fica mandando, mas não bate nele.

Entrevistadora: Uhum...

Kofi: Quando ele chegar nos dez anos, ele tá ali assistindo tevê, toda hora, "-Não!", pega coisa, apanha ele um pouquinho. "- Vai orar!" Deixa ele desde criança começar sabendo "- Ah, oração é obrigado em cima de mim". Tem que orar cinco vezes, é obrigado. Quando criança tem dez anos é obrigado mandar ele orar. Se ele não ora, bate nele, apanha ele, ele vai orar, pra saber não essas coisa é obrigado pra todo mundo, entendeu? Então é importante ensinar eles o que eles usam pra orar, depois tu começar ensinando eles o Corão, tem que pra pessoa orar, tudo tem conhecimento^{xxvi}

Apesar de comentar que foi o próprio grupo zongoriano que o escolheu para este cargo e para o ensino da religião, Kofi deixa transparecer que este grupo, na verdade, não é tão homogêneo, e apresenta algumas cisões sensíveis, que são negociadas na comunidade. Kofi se afirma *Ahl al Sunnah*, e comenta que parte dos fiéis do islamismo que se encontram em Criciúma são pertencentes a tariqa islâmica *Tijaniyyah*. Como explica Okonfo:

Okonfo: Eu sou suni. Nos zongos a maioria são sunis e dentro deste sunis também tem duas divisões: tem sunis que se chamam Tijaniyyah e tem outros que se chamam Ahl al Sunnah,

Entrevistadora: Qual a diferença destas duas formas de sunis?

Okonfo: Quase iguais, só que os Tijaniyyah, eles tinham um grande sheik, um grande líder que se chama Tijaniyyah. Então, Tijaniyyah vêm do nome dele. Daí a forma de [pausa]. O jeito que ele entende a religião islâmica é diferente dos Ahl al Sunnas, então quem segue ele faz o jeito que ele faz, quem segue ele adora Deus do jeito que ele faz. Só que os outros acham que é errado. Aqui em Criciúma tem Tijaniyyah e tem Ahl al Sunnah, mas assim, aqui a gente tá em um grupo mais pequeno, nós somos mais únicos, usa mesma mesquita, faz tudo juntos, então quase a diferença é só pelo nome, mas as atividades a gente faz tudo iguais.

Entrevistadora: A Mesquita Palestina é o que?

Okonfo: Os criciumenses são Ahl al Sunnah^{xxvii}.

O sunismo, a que se refere Okonfo, é o maior ramo do Islã. O termo deriva de *Ahl al Sunnah*, que significa “caminho de Maomé”. Os sunitas, ou *Ahl al Sunnahs* costumam ser chamados de tradicionalistas, uma vez que seguem duas leis: o Corão e as *Sunnas*, que são escritos sobre as palavras, atos e “caminhos” do profeta Maomé^{xxviii}. No entanto, dentro do ramo sunitas há *tariqas*, consideradas confrarias esotéricas, místicas e contemplativas que desenvolveram, a partir da liderança de *sheikes*, práticas de meditação e oração. A tradição das confrarias islâmicas também é chamada de sufismo. A *tariqa tijaniyyha* é uma destas confrarias sufistas do ramo sunita, fundadas por um sheik chamado Ahmed Tijani em 1782, na Argélia^{xxix}. Segundo Okonfo, a Mesquita Palestina, liderada pelo *Sheik* Adil Ali Pechliye, em Criciúma, segue o ramo sunita. Ainda com relação ao seu depoimento, uma parte dos ganeses zongorianos que se encontram em Criciúma são sunitas, e outra parte pertencem a *tariqa* considerada minoritária no islamismo ganês, chamada *tijaniyyah*. Atualmente, 27% dos muçulmanos ganeses

pertencem a tariqa *tijaniyyah*^{xxx}, apesar de representarem menos de um terço do islamismo ganês, o migrante Abo considera que a confraria é a “maior entre os ganeses”. Para o migrante: “O religião que nós muçulmanos mais tem é *tijanyyyiah*, o que eu sei de muçulmano é mais *tijanyyyia*.”^{xxxI}. Segundo o depoimento de Abo:

Eu nasci Ahl al Sunnah, vou morrer Ahl al Sunnah. É porque, nós tudo faz oração igual. Mas tem uma, uma coisa que deu diferença, porque, coisa que Mohammed não fez, se tu faz, aí tu sai fora, né? Entendeu? Igual Jesus, né? Aonde você tá andando, tá andando com Jesus, né? Daí depois tu sair pra outro lugar, então não dá? Tijanyyyia saíram do lugar, fazem coisas que o Mohammed não fez, então faz errado. Mas nós somos todos irmãos, todos oramos juntos, tem que respeitar eles^{xxxII}

O primo de Abo, Kofi, é um pouco mais rígido com relação a diferença entre os dois grupos de ganeses zongorianos muçulmanos que se encontram em Criciúma: “A hora que eu voltar lá [em Gana] eu viro as costas pra quem é *tijanyyyia*, todo mundo têm que ser *Ahl al Sunnah*. Vou falar pra eles, todo mundo tem que ser *Ahl al Sunnah*, porque Deus não mandou sheik pra mim, Deus mandou Mohammed e o Corão”^{xxxIII}. Ainda segundo o migrante: “[...] se fosse lá em Gana, eu briguei contigo *tijanyyyiah*, eu tenho um monte de *Ahl al Sunnah*, que eu vou viver com eles, é mais fácil”^{xxxIV}. Conforme a conversa transcrita abaixo:

Entrevistadora: Aqui em Criciúma a Mesquita Palestina é tijanyyyiah?

Kofi: Não, é Ahl al Sunnah

Entrevistadora: Qual é a diferença?

Kofi: Ah, tem diferenças, porque Ahl al Sunnah eles estão reto no que profeta Mohammed falou. O que sai da boca do nosso Profeta Mohammed que Ahl al Sunnah segue. Eles seguem o que sai da boca do Profeta Mohammed. E os tijannyyah, os tijannyyah, tem alguns líderes que foram, entendeu? Eles foram bem melhor líderes, melhor pastores de muçulmanos que tinham, então, como eles foram melhor algumas pessoas dos muçulmanos passa por eles pra rezar pra Deus,

entendeu? Mas pra nós, pra quem é Ahl al Sunnah ele não tem, ele não passa por ninguém pra rezar pra Deus, ele passa reto por Deus. Para quem é Ahl al Sunnah ele abre a boca e ele falar pra Deus e Mohammed, Deus e Mohammed, mas quem é Tijannyyah tem alguns líderes, o nome deles é Ibrahim Niass, Ibrahim ou Ahmad al-Tijani, sheik Tijani, entendeu? Eles por esses duas pessoas para servir Deus. Isso que é diferente.

Entrevistadora: Vou ter que procurar como se escreve esse nomes [Kofi ensinou como escrever]

Entrevistadora: E você é Ahl al Sunnah, né?

Kofi: Como você descobriu?^{xxxv}

Como *malan* da nova mesquita ganesa, Kofi confessa que precisa conter seus impulsos para evitar falar coisas que poderão causar discórdia entre os grupos: “É difícil, mas é mentiroso, porque Profeta não falou essas coisas que eles fazem! Se é bom, se é bom os companhia que ficava perto do Mohammed fazia também e eles ninguém fazia isso”^{xxxvi}. O migrante alega que se ele falasse “o que é pra falar reto” haveria brigas todos os dias na mesquita. Ele dá um exemplo: “Se eu falar a verdade: – Esse aniversário que tu vai fazer, Deus não gosta, não faz!” vai dar briga, eu e ele.”^{xxxvii}. O aniversário de Kofi está se referindo é a comemoração que o grupo *tijannyyah* faz para celebrar o nascimento do profeta Maomé. Os *Ahl al Sunnah* não comemoram o nascimento, pois seguem as leis das sunnas e do Corão, apenas, não outras tradições. Quando indagado sobre como essas tensões na comunidade em Criciúma são resolvidas, Kofi responde:

Às vezes dá briga, já deu um monte de briga antes, entendeu? Antes. Até aqui em Criciúma que nós estamos vivendo, como nós somos muçulmanos, nós somos de lá de Gana, eu, meus amigos, meus colegas, aqui que tão aqui e que são de Gana, tudo é meu irmão. Assim que nós estamos vivendo, então, pra mim fazer o que vai dar briga eu e ele, eu não vou fazer. Eu não vou fazer. Tem muita pessoas que são tijaniyya, se eu for falar alguma coisa na Mesquita, eu toma cuidado pra não falar o que vai dar briga na mesquita. Mas já deu briga. Deu Muita briga. Tem líder de Tijanyyia também. Nós somos

amigos. Por que nós tudo que a gente faz é igual, não tem nada de diferente. Só o que que eles fazem que nós ficamos falando, ficamos falando que o Profeta não ensinar nós, esse que é diferente. Como eu oro é a mesma coisa que eles oram. Não tem diferença. É muito parecido. Tudo a mesma coisa. O que eles fazem diferente da oração, do Corão e da sunna que é ruim.^{xxxviii}

Kofi comenta que no Senegal a maioria dos muçulmanos são *tijanniyyas*, e se os senegaleses participassem da mesquita ganesa seria mais difícil, mas que entre os ganeses a diferença é bem equilibrada, então os grupos precisam se respeitar. E, justamente por este motivo, Kofi menciona que não dá para fomentar brigas e dividir os fiéis. Os *tijanniyyahs* tem um líder religioso, mas a Mesquita Palestina na cidade é *Ahl al Sunnah* e a nova mesquita dos ganeses também. “Não dá pra dividir. Eles tem que ficar no mesmo, tem que ficar no *Ahl al Sunnah*, porque os líderes que tem são *Ahl al Sunnah*, então se tu é *tijanniyyahs* tem que ficar na linha da *Ahl al Sunnah*, não pode sair, entendeu?”^{xxxix}.

Quando indagado como os ganeses sabem qual orientação ou corrente islâmica a mesquita segue, Kofi respondeu o seguinte:

Vamos supor na nossa Mesquita aqui, eu é líder, né? Se eu sou Ahl al Sunnah todo mundo sabe eu sou Ahl al Sunnah. Então, quem que vai lá na Mesquita tem que ser Ahl al Sunnah. Então líder da Mesquita que dá sinal pra se essa mesquita é da Tijannyyah ou da Ahl al Sunnah. Ou então você passa na frente.”– Ah, sheik, esse sheik que tá nessa mesquita é Tijannyya”, então toda noite, vamos supor, sete horas, eles ficam falando “lai lai lai” até tu passar lá tu escuta eles falando isso alto. Então tu já sabe, ah, aqui é Mesquita da Tijanyya, tu não vai.^{xl}

Kofi termina a entrevista dizendo que faltava meia hora para as 17h, momento em que faria uma das suas orações obrigatórias do dia. Antes de se

despedir, Kofi lembrou que apesar de todas as tensões relacionadas a religião entre os grupos muçulmanos na cidade, muita coisa boa estava acontecendo: “É por isso que a gente passa por cima de tudo, tudo. Dessas coisas de briga de religião. Aqui nós somos irmãos, e precisamos ficar juntos. Tem algo maior que nos une”^{XLI}.

Considerações

A migração dos ganeses muçulmanos para Criciúma evidencia as complexas dinâmicas de pertencimento e reconstrução identitária no contexto dos deslocamentos contemporâneos. Como se viu ao longo deste artigo, a experiência migratória não se resume a um processo de simples adaptação ao novo espaço social; pelo contrário, trata-se de uma reconfiguração ativa das redes de sociabilidade, das práticas religiosas e das estruturas comunitárias. Os zongos, enquanto territórios historicamente segregados e organizados em torno da identidade muçulmana, não desapareceram na diáspora, mas foram ressignificados e adaptados às condições locais de acolhimento. A chegada desses migrantes a Criciúma, uma cidade já estudada em outros fluxos migratórios, revelou tanto continuidades quanto rupturas no modo como as relações religiosas e comunitárias se estruturam fora do contexto ganês.

A análise das tensões entre as confrarias islâmicas, particularmente entre os *Ahl al Sunnah* e os *Tijaniyyah*, demonstrou que o Islã migrante não é homogêneo, mas atravessado por disputas internas que são reativadas e reconfiguradas na sociedade de acolhimento. A necessidade de um espaço próprio para a prática religiosa, a construção de uma nova mesquita e a relação tensa com a Mesquita Palestina são evidências de que a mobilidade não apenas transfere indivíduos, mas também desloca e reconstrói campos de poder e pertencimento. As fontes orais utilizadas neste estudo permitiram captar as

nuances dessas negociações identitárias, destacando como os próprios migrantes interpretam e narram suas trajetórias, suas dificuldades e suas estratégias de sobrevivência religiosa e social.

Neste sentido, o presente artigo reafirma a centralidade da migração como fenômeno que não pode ser compreendido apenas em termos econômicos ou demográficos, mas que exige uma análise atenta das dimensões culturais, políticas e religiosas que o atravessam. Em Criciúma, como em outros contextos de migração, a chegada de um novo grupo transforma o espaço urbano, tenciona fronteiras simbólicas e institucionais e produz novas formas de organização social. As experiências dos ganeses zongorianos na cidade revelam que os deslocamentos contemporâneos não são meros processos de assimilação, mas fenômenos de contínua negociação e reinvenção de pertencimentos.

As cisões religiosas, aqui apresentadas, refletem a complexidade da noção de pertencimento zongoriano e quebram qualquer pretensa tendência de ver estes migrantes como pertencentes a uma comunidade homogênea e esvaziada de tensões. Os *zongos* são espaços multi-escalares, cindidos em sua própria concepção. No deslocamento, estes sujeitos considerados ancestralmente “estranhos”, em sua própria terra procuraram formas de reconstituir as suas identificações e forjar novas territorialidades.

No Brasil, duplamente migrantes, na ancestralidade e na experiência, os zongorianos redefinem disputas, acionam novas redes e reconstroem elos. Hoje eles estão no bairro Pinheirinho, em Criciúma, talvez amanhã novas redes e oportunidades aparecerão e os projetos passarão a ser redesenhados. De qualquer forma, eles resistirão em itinerância, pois, como menciona o migrante Haruna: “Somos ganeses, somos muçulmanos, somos *zongos*, somos migrantes. Temos que estar junto. A gente vive, adota cultura e respeita também, a gente tem

facilidade de se encaixar em qualquer comunidade, independente da cultura, porque em qualquer lugar nós somos zongos”.^{XLII}

Notas

^I CECHINEL, Michelle Maria Stakonski. **Zongos em Itinerância**: Migrações ganesas em Criciúma no Tempo Presente (2014–2021). Tese de Doutorado. Universidade do Estado de Santa Catarina. 2021; CECHINEL, Michelle Maria Stakonski. “A gente faz um zongo aqui”: migrações contemporâneas ganesas e apropriações urbanas (2014–2020). **Esboços** (UFSC), v. 28, p. 471–491, 2021.

^{II} CECHINEL, Michelle Maria Stakonski; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Ganeses da Copa: indícios da formação de um fluxo migratório no tempo presente. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, v. 1, p. 186–212, 2024.

^{III} ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011; CARDOSO, Michelle Gonçalves. **De volta para casa: A Inserção dos retornados à Cidade de Criciúma/SC (1995/2009)**. 2011. (Dissertação) mestrado – UDESC, Programa de Pós Graduação em História; CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes**: recortes, miscelâneas e exhibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980–2002). 2003. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

^{IV} Cf. AGIER, Michel. **Commerce et Sociabilité**: le négociants soudanais du quartier zongo de Lomé (Togo). Paris: O.R.S.T.O.M., 1983; CASSENTINI, Giulia. Migration networks and narratives in Ghana: a case study from the Zongo. In: **Africa**. N. 88, v. 3, 2018, p. 452–68; KOKU, Paul Sergius. Natural market segments: religion and identity – the case of “zongos” in Ghana in: **Journal of Islamic Marketing** Vol. 2 No. 2, 2011, pp. 177–185; SCHILDKROUT, Enid. **People of the Zongo**: The Transformation of Ethnic Identities in Ghana. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.; WILLIAMSON, E. A. **Understanding the zongo processes of socio-spatial marginalization in Ghana**. 2013. 215 f. Thesis (Master of Science in Architecture Studies) – Boston: Massachusetts Institute of Technology, 2013; e CECHINEL, Op. Cit., 2021.

^V CARDOSO, Michele Gonçalves. **Alá na Cidade das Etnias: a consolidação do grupo étnico árabe em Criciúma**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2007.

^{VI} A fim de manter o anonimato dos migrantes entrevistados, todos os nomes próprios dos sujeitos que fizeram parte desta pesquisa foram substituídos por pseudônimos, que, por sua vez, foram escolhidos com base em patronímicos onomásticos comuns nos grupos étnicos em que os migrantes ganeses se identificam.

^{VII} Diário de Campo. 20 de março de 2018. **Trajetória de Guedado**: islamismo.

^{VIII} GUEDADO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 20 de março de 2018

^{IX} KOFI. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de fevereiro de 2018.

^X GUEDADO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 20 de março de 2018.

^{XI} Idem

^{XII} ABO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 9 de fevereiro de 2018

^{XIII} KOFI. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de fevereiro de 2018.

^{XIV} CARDOSO, Op. Cit., 2007.

^{XV} AMORYM, Cintia. Ganeses ocupam 80% da Mesquita Palestina de Criciúma. 24 de jul. 2014. Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2014/ganeses-ocupam-80-da-mesquita-palestina-de-criciuma>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020

^{XVI} Idem.

^{XVII} HARUNA. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de agosto de 2018

^{XVIII} ABO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 9 de fevereiro de 2018

^{XIX} KOFI. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de fevereiro de 2018.

^{XX} GUEDADO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 20 de março de 2018.

^{XXI} Idem.

^{XXII} HARUNA. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de agosto de 2018

^{XXIII} Idem.

^{XXIV} Idem.

^{XXV} Idem.

^{XXVI} KOFI. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de fevereiro de 2018

^{XXVII} OKONFO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 22 de março de 2018.

^{XXVIII} SANGALLI, Lucas C.; GONÇALVES, Maria do Carmo. Cursos migratórios e novas circularidades: migrantes da África Ocidental no Sul do Brasil. **Remhu** -- Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, v. 27, n. 56, p. 61-80, ago. 2019

^{XXIX} Idem.

^{XXX} Idem.

^{XXXI} ABO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 9 de fevereiro de 2018

^{XXXII} Idem.

^{XXXIII} KOFI. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de fevereiro de 2018

^{XXXIV} Idem.

^{XXXV} Idem.

^{XXXVI} Idem.

^{XXXVII} Idem.

^{XXXVIII} Idem.

^{XXXIX} Idem.

^{XL} Idem.

^{XLI} Idem.

^{XLII} HARUNA. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de agosto de 2018

Referências

ABO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 9 de fevereiro de 2018

AGIER, Michel. **Commerce et Sociabilité**: le négociants soudanais du quartier zongo de Lomé (Togo). Paris: O.R.S.T.O.M., 1983;

AMORYM, Cintia. Ganeses ocupam 80% da Mesquita Palestina de Criciúma. 24 de jul. 2014. Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2014/ganeses-ocupam-80-da-mesquita-palestina-de-criciuma>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes**: recortes, miscelâneas e exhibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002). 2003. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CARDOSO, Michelle Gonçalves. **De volta para casa: A Inserção dos retornados à Cidade de Criciúma/SC (1995/2009)**. (Dissertação) mestrado – UDESC, Programa de Pós Graduação em História, 2011.

CASSENTINI, Giulia. Migration networks and narratives in Ghana: a case study from the Zongo. **Africa**. n. 88, v. 3, 2018, p. 452–68.

CECHINEL, Michelle Maria Stakonski. **Zongos em Itinerância**: Migrações ganesas em Criciúma no Tempo Presente (2014-2021). Tese de Doutorado. Universidade do Estado de Santa Catarina. 2021;

CECHINEL, Michelle Maria Stakonski. “A gente faz um zongo aqui”: migrações contemporâneas ganesas e apropriações urbanas (2014-2020). **Esboços** (UFSC), v. 28, p. 471-491, 2021.

CECHINEL, Michelle Maria Stakonski; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Ganeses da Copa: indícios da formação de um fluxo migratório no tempo presente. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, v. 1, p. 186-212, 2024.

Diário de Campo. 20 de março de 2018. **Trajetória de Guedado**: islamismo.

GUEDADO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 20 de março de 2018.

HARUNA. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de agosto de 2018.

KOFI. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 de fevereiro de 2018.

KOKU, Paul Sergius. Natural market segments: religion and identity – the case of “zongos” in Ghana. **Journal of Islamic Marketing** Vol. 2 No. 2, 2011, pp. 177-185.

OKONFO. Entrevista concedida à Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 22 de março de 2018.

SANGALLI, Lucas C.; GONÇALVES, Maria do Carmo. Cursos migratórios e novas circularidades: migrantes da África Ocidental no Sul do Brasil. **Remhu** – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, v. 27, n. 56, p. 61-80, ago. 2019.

SCHILDKROUT, Enid. **People of the Zongo**: The Transformation of Ethnic Identities in Ghana. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

WILLIAMSON, E. A. **Understanding the zongo processes of socio-spatial marginalization in Ghana**. 215 f. Thesis (Master of Science in Architecture Studies) – Boston: Massachusetts Institute of Technology, 2013.

Recebido em: 01/02/2025

Aprovado: 31/03/2025

Publicado em: 30/06/2025